

Jorge Miguel Marinho

Por
Um
Triz



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Para a Gisele,

Porque sim,

Além de tanta generosidade

Nas mãos.

*“Assim como no trem da vida
o desastre pode acontecer por um triz
e a estrela impossível também,
a folha seca, esquecida e anônima
no trilho
jamais é matéria de fotografia
e, que pena!,
há tanta natureza viva
ou morta
num olho distraído.”*

Jorge Miguel Marinho

“Por que publicar o que não presta? Porque o que presta também não presta. Além do mais, o que obviamente não presta sempre me interessou muito.

Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão.”

Clarice Lispector

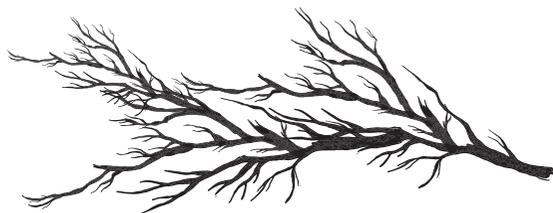
*“Acho que sou descendente daqueles rapazes
do Cairo, que entravam num café e contavam
histórias em troca de algumas moedas, histórias
hoje conhecidas como As Mil e Uma Noites.”*

Ernesto Sabato

Sumário

ANOSTRA





Pinheiros, um doce exílio

2

Ela e o gol

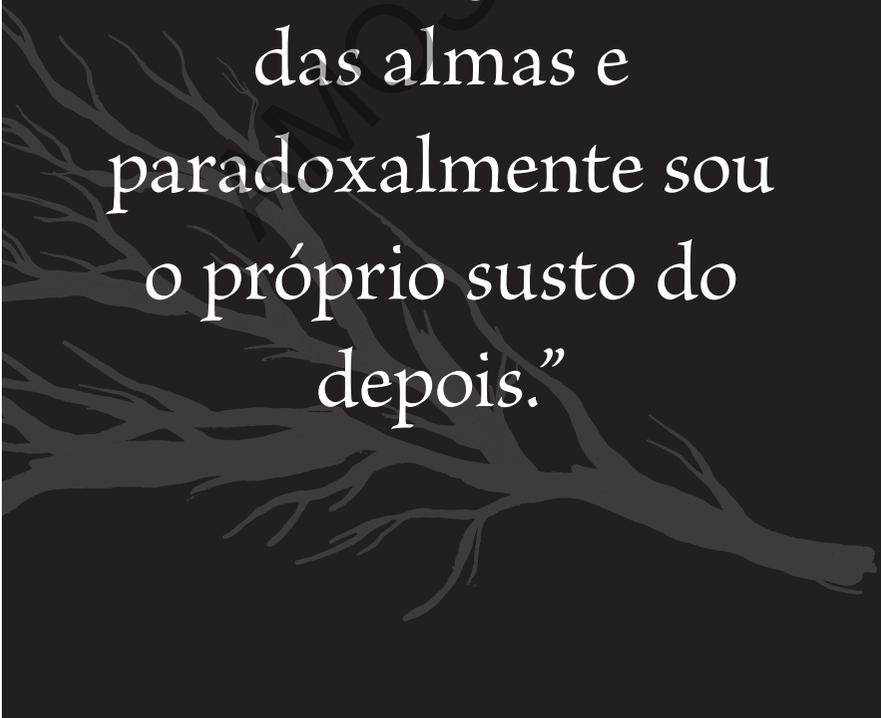
22

A parte mole do caranguejo

46

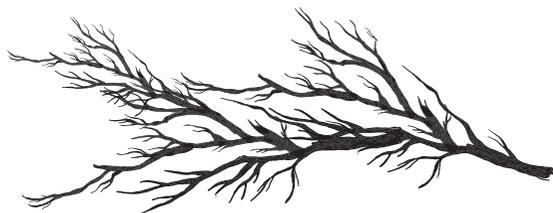


“Como você sabe,
eu não tenho a
menor noção de
transmigração
das almas e
paradoxalmente sou
o próprio susto do
depois.”



Pinheiros, um doce exílio





Um pouco de calma, amigo. Eu já te conto a história já. É que você também mora aqui em Pinheiros e, você sabe, não dá para evitar. Pior é que eu sou carioca e não troco Pinheiros por Ipanema. Não troco mesmo — nem que me fosse dada a graça de apalpar a barriga grávida e amorosamente atrevida da Leila Diniz. Lembra, lá em Ipanema, em agosto de 1971?

Acredite, meu bom amigo, Pinheiros é uma questão de escolha, destino, estigma. Você também não se sente assim? Pinheiros é nossa moradia externa, nossa casa interior. Clarice Lispector nasceu lá na Ucrânia, num minúsculo lugar chamado Tchetchelnik, e escolheu o Brasil. Meu território não chega a tanto, Pinheiros me basta sem

que eu precise pôr os pés na Consolação, que, por justiça, nunca foi mais que um aclave desnor-teado só para eu chegar aqui.

No fundo mesmo, naquela nossa geografia mais desconhecida, Pinheiros me transcende, é metafísica pura, ruas tão presentes, com um certo trânsito para o além. Se eu te disser que chego a imaginar o sexo de Deus quando mastigo um pastel no Sacolão, você acredita? Sem sair daqui, faço viagens inacreditáveis nas vielas e becos, na complacência reta e na arquitetura imutável da Cardeal Arcoverde, nos bares e bote-cos da Vila Madalena, que é uma terceira perna de Pinheiros, enfim, nos descaminhos da imagi-nação. Que seja — Pinheiros é meu modo de ver.

Agora mesmo eu vi um velho de bengala se equilibrando no viaduto da Teodoro Sampaio, sorrindo para uma banca de frutas que pare-cia se guardar para ele como uma última do-çura. Foi o bastante para a vida surgir prosaica e companheira, real como a maçã que ele não

chegou a morder. Pinheiros tem muitas pessoas sozinhas como esse velho, e é incrível como a solidão de Pinheiros busca a solidariedade. E ela vem. Daqui a um instante, quando eu começar a contar a história que eu trouxe, você entenderá melhor o que já faz parte da sua comunhão com esse território de quem vem para ficar. Um momento só, que é o tempo de uma breve confissão.

Há alguns anos decidi pelo meu exílio em Pinheiros — aqui é o meu lugar, compreende? Não se trata de perseguição política, asilo geográfico ou muito menos pátria que me dá guarida e me faz sentidamente estrangeiro longe do meu país. Como você sabe, eu não tenho a menor noção de transmigração das almas e paradoxalmente sou o próprio susto do depois. Mas apenas para reforçar os desígnios do acaso, mesmo porque todo o meu sentido de transcendência só sabe morar no rés do Largo da Batata, eu indiscutivelmente não nasci aqui em nenhuma outra encarnação. Eu sei e não há mistério nisso, por-

que as esquinas me dizem sem rodeios. Porém, embora exista um fundo ideológico nessa minha doce e terrena moradia, sinto mais como um impulso cosmogônico, a bendita fatalidade da existência, um refúgio ancestral. Sinto, e é assim que eu resido em Pinheiros, é assim que eu moro em mim. Sou igual à doceira da história que eu já te conto já. Ela também fez de Pinheiros um doce exílio, uma enseada definitiva, assim como eu. É isso, amigo, Pinheiros é minha segunda pele, provavelmente a dela também. Posso até aceitar que Ipanema seja o bairro mais famoso do mundo, ou quem sabe seja Quartier Latin, ou Harlem, ou Brooklyn. É possível. Mas, de todos os bairros dessa vida tão corretamente terrena, Pinheiros é o melhor.

Esse jeito de ser deve ter evidências históricas, mas é mais uma questão de carência afetiva que foi se avizinando, depois fixou residência definitivamente aqui. É, é mesmo, não estou barateando não. Você já deve ter percebido isso, até mes-

“Porém, embora exista um fundo ideológico nessa minha doce e terrena moradia, sinto mais como um impulso cosmogônico, a bendita fatalidade da existência, um refúgio ancestral.”

